

ESPIRITISMO E COMPLEXIDADE: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Alessandra dos Santos Pereira⁵¹

Introdução

A contemporaneidade humana é marcada por grandes desafios que provocam entendimentos e práticas compatíveis com as necessidades emergentes. As diversas visões de mundo, bem como as ininterruptas contradições do cotidiano exigem da Doutrina dos Espíritos uma abordagem lúcida e coerente sobre a vida e o viver. Aliado a este contexto, o próprio Movimento Espírita é instigado a desenvolver um constante diálogo com suas práticas e/ou modos de conceber e organizar as ações dos espíritos.

Contudo, é interessante primeiro perceber que o Espiritismo – por ser um conjunto de conhecimentos de caráter científico, filosófico e religioso que se interessa por investigar o espírito em todas as suas manifestações e que se ocupa tanto das instâncias físicas (vida corporal), quanto das dimensões espirituais – não existe por si só, mas está sim diretamente relacionado às ações praticadas por pessoas adeptas de suas verdades e interessadas em comunicá-las de alguma forma a outros indivíduos, grupos ou instituições sociais, conforme assevera Léon Denis (1981) em uma de suas obras, esclarecendo que “o Espiritismo será o que dele os homens o fizerem”, afirmando que a tanto Doutrina quanto Movimento são categorias mutuamente constituintes.

Por conseguinte, ao observar o ser humano em sua totalidade (espírito, perispírito e corpo) e estabelecer conexões, considerando o duplo caráter da vida do espírito (encarnado e desencarnado), as ações espíritistas devem primar por uma compreensão do ser mais ampliada e contextualizada, favorecendo intervenções coerentes com o seu alvo de preocupações. Além disso, sua compreensão sobre as problemáticas humanas contemporâneas perpassam por uma visão que reflete a imortalidade da alma e a vida em plenitude rumo à perfeição.

Entretanto, muitas vezes o que se observa enquanto Prática Espírita são atuações reducionistas, experiências reproduzidas de modelos sociais sem qualquer reflexão contextualizada, entendimentos carregados de valores apriorísticos e juízos preconcebidos, visões de mundo distorcidas e encarceradas por verdades assentadas em tradições históricas que marcam a própria trajetória da Codificação e do Movimento Espírita.

Neste sentido surge a questão sobre o que está acontecendo com os espíritas? Onde está a dificuldade? O que ocorre com o Movimento Espírita que inscreve no curso da história humana sua trajetória por esses caminhos?

São estas preocupações que este artigo propõe refletir, sinalizando a necessidade de mudanças para alcançar outras possibilidades de ver, conhecer e pensar o espírito.

1. A Complexidade

Hoje é comum se ouvir falar em complexidade, sem, contudo, apreender seu real sentido e significado. Essa temática surgiu no meio científico em 1984, em Cérisy, na França, num colóquio que se intitulou “As Teorias da Complexidade”. Este evento representa um marco pelo fato de ter reunido especialistas de diversas áreas que compõem as *hard sciences* e as *soft sciences*, motivados pela obra de Henry

⁵¹ Estudante do EADE da Fundação Allan Kardec

Atlan. Em seu discurso de abertura, Atlan esclareceu que há pouco tempo a complexidade deixou de ser sinônimo de dificuldade de compreensão ou insuficiência de explicações para se tornar objeto de estudo e pesquisas. Esclarece que o desenvolvimento das ciências da informação não apenas tirou a complexidade do campo da biologia como também alçou esta proposta como objeto privilegiado das ciências do século XX.

Morin, que também participou do colóquio de Césiry, é o autor que mais tem se dedicado à questão da complexidade desde a década de 80. Suas obras “O problema Epistemológico da Complexidade” (1983) e “Ciência com Consciência” (1990) apresentam a complexidade como uma proposta influenciada pela Cibernética e teoria da informação, acrescentando que o tema complexidade tem suscitado mal-entendidos fundamentais. Esclarece, em vários de seus escritos, que a complexidade se evidencia quando há dificuldades empíricas e lógicas, ou seja, “a complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução”, sua proposta considera o nó górdio do problema das relações entre o empírico, o lógico e o racional. Melhor dizendo, a complexidade surge onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção e precisão no conhecimento.

Entretanto, o cerne desta questão diz respeito à dificuldade que as ciências biológicas e sociais enfrentam ao adotar o paradigma tradicional de ciência em contraposição às ciências físicas que são vistas como modelo de cientificidade.

Sabe-se que a meta do conhecimento científico era dissipar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de revelar a ordem simples a que eles obedecem. Porém, nesta busca as ciências físicas têm se esforçado bastante e somente depois dos anos 50 foi que elas começaram a admitir a existência de sistemas mais complexos. Lévy-Leblond (1984) esclarece que a teoria física se funda num esforço de evitar tratar a complexidade, numa espécie de paradigma físico, possível através da matematização que lhe é constitutiva. Com isso, a complexidade sai do território específico dos fenômenos biológicos e sociais e torna-se um pressuposto epistemológico transdisciplinar.

Mas afinal o que é a complexidade? Morin (2006) esclarece que falar de complexidade é exercer um pensamento capaz de lidar com o real, com ele dialogar e negociar. Contudo, para compreendê-la, é necessário pontuar as dificuldades científicas que desencadearam o surgimento deste novo paradigma, ou seja, falar do paradigma da complexidade é saber antes que existe um paradigma da simplicidade, considerando as implicações decorrentes deste paradigma na ciência e nas práticas dele derivadas.

Vasconcellos (2003) assevera que muitos cientistas reconhecem a existência de diversos pressupostos epistemológicos presentes na ciência clássica, cartesiana, newtoniana, moderna. Esse amplo conjunto de descrições pode ser descrito resumidamente em três dimensões:

1.1 A simplicidade

Crença que separando o mundo em partes pode-se entender o todo. O cientista acredita que por trás das aparências complexas do mundo está a simplicidade e sua tarefa é ultrapassar a complexidade (Laszlo, 1972). Pressupõe uma ordem subjacente ao caos aparente. Assim, a ciência propõe a análise dos todos complexos, a separação em partes retirando o objeto de estudo dos contextos em que ele se encontra, procurando o elemento constitutivo do universo (atomização). A separação supõe a disjunção, separa o que está ligado,

estabelecendo categorias, classificações dos objetos ou fenômenos (Morin, 2006; Bachelard, 2000). Conforme a lógica deste exercício, um objeto não pode permanecer simultaneamente em duas categorias, logo esta prática desenvolve no cientista a atitude “ou-ou”, “ou isto, ou aquilo”, na qual o mesmo transporta esse pensamento para as relações cotidianas. Essa atitude reducionista, simplificadora, disjuntiva, analítica resulta na compartimentação do saber, na fragmentação do conhecimento em áreas ou disciplinas. Esses domínios disjuntivos formam os especialistas em seus territórios, que demonstram grande dificuldade em se comunicar com os especialistas de outras áreas (VASCONCELLOS, 2003).

Watzlawick et al. (1990) esclarece ainda a crença numa causalidade linear na qual cada fenômeno observado (Y) corresponde a uma causa (X) e cada fenômeno (Y) tem efeitos (Z) constituindo relações causais lineares. Essa atitude pressupõe a crença de que o mundo é cognoscível, que pode ser conhecido, desde que seja abordado de forma racional. A lógica do discurso científico elimina a contradição, a imprecisão e a ambigüidade, prevalecendo um equilíbrio no discurso. Contudo, a existência de contradições lógicas ou paradoxos no discurso constitui sério problema para a lógica clássica.

1.2 A estabilidade

Outro eixo que constitui a ciência tradicional é a crença de que o mundo é estável, em que o mundo já é, e nele as coisas se repetem com regularidade. Nessa concepção de mundo ordenado, cujas leis de funcionamento, simples e imutáveis, podem ser conhecidas, o cientista procura conhecer as relações funcionais entre as variáveis no intuito de explicar, prever e controlar a ocorrência dos fenômenos (Prigogine, 1996). Contudo, nem sempre é possível ao cientista estudar o fenômeno isento de fatores que possam interferir sobre o fenômeno estudado. Logo, ele concebe a situação artificial, por meio da experimentação, provocando a ocorrência do fenômeno sob condições controladas, passíveis de verificação empírica, denotando rigor e exatidão, elementos primordiais para a quantificação e matematização do fenômeno. Logo, um mundo concebido como estável fica isento do processo de tornar-se, admitindo sistemas que permitem um estado de equilíbrio. Este equilíbrio somente é conseguido através da determinação de sua trajetória, e esta, por sua vez, pode ser determinada e reversível. A determinação da trajetória garante a previsibilidade, e a reversibilidade confere ao cientista a possibilidade de reverter o sistema ao seu estado inicial. A reversibilidade é o corolário da controlabilidade, uma vez que permitem transformações, controle e manipulação sobre o sistema. Essa ideia remete ainda à possibilidade de instruir um determinado sistema no intuito de controlar suas trajetórias (PRIGOGINE, 1996a).

1.3 A objetividade

É a crença de que é possível conhecer objetivamente o mundo tal com ele é na realidade, conferindo a objetividade o critério de cientificidade. A descrição será científica tanto mais objetiva quanto mais se conseguir eliminar a subjetividade do observador. Subjacente a essa ideia, está a crença no realismo do universo que postula que o mundo é real e existe independente de quem o descreve (Morin, 2006). Se existe uma realidade, ela deverá ser única e somente um *expert* no assunto poderá ter condições de ter acesso a essa verdade devido seu profundo conhecimento sobre o objeto de estudo. Assim, os critérios de certeza advêm da realização de observações em condições reprodutíveis, em que vários observadores possam observar a mesma situação. Essa preocupação com a objetividade confere

uma neutralidade nos registros, relatórios ou comunicações científicas, conferindo uma impessoalidade, colocando entre parênteses a subjetividade do cientista e atingindo o universo, ou versão única do conhecimento (STRATHERN, 1998 e 1999).

Vasconcellos (2000) revela que estes pressupostos constituem uma base epistemológica e paradigmática sobre a qual a ciência tradicional alicerça sua construção. Porém, eles também revelam problemas inerentes a sua concepção, deixando vir à tona as dificuldades as quais a própria ciência ainda não consegue solucionar: o problema da lógica, o problema da desordem e o problema da incerteza.

O problema da lógica foi introduzido por Niels Bohr com a dualidade onda-partícula evidenciando a insuficiência da lógica clássica em lidar com as contradições, insuperáveis, exigindo uma nova forma de pensar, um pensamento complexo que permita abordar as contradições em vez de excluí-las.

O problema da desordem, ou a tendência da desordem, surgiu com Boltzmann, cujo experimento revela que o calor corresponde à agitação desordenada de moléculas e a entropia corresponde a uma medida de desordem molecular, esclarecendo que a desordem não seria mais que uma ilusão ou aparência. Este reconhecimento exige também uma nova forma de pensar que incluísse a indeterminação e imprevisibilidade dos fenômenos.

O problema da incerteza, trazido por Heisenberg, demonstrou que o observador, ao tentar olhar a trajetória do elétron, colocava-o fora de curso, afetando sua velocidade ou sua posição. Ou seja, o cientista se torna uma intervenção perturbadora sobre aquilo que quer conhecer. Isso também exige uma nova forma de pensar, reintegrando o observador na sua observação.

Vasconcellos (2003) esclarece ainda que estes problemas remetem à necessidade de mudança na visão do pesquisador para poder melhor compreender seu objeto de investigação. Isso significa dizer que o problema da lógica que remete à dimensão da complexidade, o problema da desordem que remete à dimensão da instabilidade, e o problema da incerteza que remete à dimensão da intersubjetividade.

1.4 A complexidade

Para pensar complexamente é necessário mudar crenças básicas. Em vez de acreditar que se vai ter como objeto de estudo o elemento, ou o indivíduo, e que o mesmo necessita ser muito bem delimitado, é necessário migrar para a ideia de investigar o objeto em contexto. Para perceber o objeto em contexto, é necessário ampliar o foco e perceber o sistema como amplo. Contextualizar é reintegrar o objeto em contexto. Logo o pensamento disjuntivo “ou-ou”, reducionista, fragmentado, dá lugar à lógica da distinção, que distingue o objeto em seu contexto sem isolá-lo ou dissociá-lo, numa atitude “e-e” promovendo a articulação sem reduzir ou eliminar as diferenças. Esta atitude chama-se de princípio dialógico que, diferente da dialética, une conceitos que se opõem, mantendo as instâncias que os caracterizam (CAPRA, 1997; ATLAN, 1991; WITTGENSTEIN, 1968)

Outro aspecto importante na complexidade, é pensar sistemas complexos como relações causais recursivas, ou seja, uma relação em que o produto é produtor daquilo que o produz, como no caso do holograma, não apenas a parte está no todo como o todo está na parte, o que encerra em si mesmo uma contradição (noção de complementaridade). Essas ideias dão origem a lógicas

heterodoxas ou não clássicas, abrindo novas perspectivas para a abordagem das questões inerentes à complexidade (MORIN, 2005).

1.5 A instabilidade

Pensar a instabilidade é necessário pensar numa física de processos (devir) mais ampla que a física dos estados (ser). Questões da desordem e da auto-organização como elementos constitutivos e necessários para a mudança dos sistemas. Aspectos que partem de uma instabilidade provisória (flutuações) e para um estado que lhe permite um salto qualitativo, ou seja, para uma nova forma de funcionamento imediatamente influenciada pelo interjogo complexo entre aspectos deterministas e sucessão probabilística de flutuações, instaurando pontos de bifurcação. Desse modo, as trajetórias são indeterminadas, porém probabilísticas, impulsionadas por “sistemas caóticos”. Isso remete a um mundo pensado não mais como “relógio”, mas uma convivência com “imagens das nuvens” sempre abertas a novas configurações (PRIGOGINE, 1996, 1996a).

1.6 A intersubjetividade

Trata-se do reconhecimento da impossibilidade de um conhecimento objetivo do mundo. Entretanto, o que se quer dizer com isso é a impossibilidade de comunicação entre a natureza e quem a descreve, ou seja, o conhecimento é relativo às condições de observação, associando esta ideia à noção de complementaridade, uma vez que a realidade é tão rica e complexa que nenhum ponto de vista poderia abarcar o objeto como todo, sinalizando que esta riqueza pode advir de múltiplas visões da realidade, assumindo o princípio dialógico. Neste sentido, a realidade passa a existir em relação com o observador a partir do momento em que este a distingue. Sem o observador, nenhuma distinção acontece e nenhuma realidade se constitui para ele (MATURANA, 2001 e 1997; BERTALANFFY, 1973; WEINER, 1961; FOERSTER, 1991).

Desse modo, as três dimensões axiais descritas acima compõem a proposta do que Vasconcellos (2003) chama de proposta novo-paradigmática, concebendo que o uso do termo “paradigma da complexidade” refere-se ao conjunto de conhecimentos que conjugam também a instabilidade e a intersubjetividade

2. Espiritismo e Complexidade

Estabelecer aproximações entre a Doutrina Espírita e o paradigma da complexidade requer duas considerações importantes: primeiro observar que o saber Espírita precisa ser entendido em seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e religião), e segundo, somente a partir da compreensão de que este saber é dínamo gerador de práticas sustentadas por seus pressupostos teóricos e epistemológicos, é que se torna possível estabelecer aproximações com a proposta paradigmática da complexidade.

Como ponto central destas conexões, é importante ainda ressaltar a dinamicidade dos pressupostos do Espiritismo e da Complexidade, favorecendo uma melhor compreensão dos fenômenos do espírito e do próprio espírito em constante diálogo com suas múltiplas possibilidades essenciais e existenciais.

Certamente diversas trajetórias de compreensão podem ser traçadas ao buscar aproximações entre Espiritismo e a Complexidade. Entretanto, adotou-se como ponto de referência o sentido primordial da teoria, buscando estabelecer inter-relações com a prática comum do Espiritismo, ou seja, com o cotidiano das instituições. Mais do que encerrar o assunto, a proposta é abrir campo para

reflexões sobre o saber e a prática Espírita, buscando entendimentos mais pertinentes com a proposta consoladora do Espiritismo.

2.1 Aproximando-se da Complexidade

A principal ideia do pressuposto da complexidade é a noção de complementaridade. Adotar tal pressuposto implica em abrir mão da dualidade como contradição, da ideia de um bem que precisa vencer o mal. A complementaridade remete a uma compreensão conjuntiva. Quando se fala do espírito em sua condição de encarnado, ele está tanto na condição de espírito quanto na condição de encarnado, e estas duas dimensões estão inter-relacionadas e necessitam de atenção. Valorizar as dificuldades humanas no sentido de entendê-las como parte do processo de auto-iluminação é perceber a relação espírito-corpo como um sistema recursivo⁵², na qual qualquer movimentação configura novas possibilidades de existir, de sentir e de ser. É construir um caleidoscópio humano do qual fazem parte tanto os potenciais quanto as limitações. Melhor dizendo, faz parte do processo de existir ter qualidades e defeitos, conhecer o bem e o mal, e é essa dinâmica contínua que caracteriza o esforço para atingir a perfeição, uma vez que um constitui e é constituído pelo outro (KARDEC, 2007).

Nada de exclusão, de oposição ou contrariedades que devem ser banidas, pelo contrário, elas precisam ser incluídas como parte importante da constituição vista como “oposta”. É imperioso deixar de lado atavismos apriorísticos ou ideias preconcebidas de como uma pessoa deve ser ou sentir, de como ela tem que se comportar ou fazer, é necessário abolir ou pelo menos diminuir a rigidez na adoção de rótulos como “pessoa obsediada”, “irmão complicado”, ou outros termos. É importante ainda, modificar os olhares que inferem valor ou juízo do outro, mesmo que este “outro” seja o si mesmo, assumindo uma postura de desconsideração com as inúmeras possibilidades de ser e existir que perpassam todos os dias a existência.

Assumir esta visão significa estar em sintonia com aquilo que o Cristo propõe na parábola da mulher adúltera “atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”, esclarecendo que a vida do espírito é trajetória marcada tanto por equívocos, quanto por ocorrências felizes, inscrita num *continuum* em que cada dimensão, erro e acerto, compõe a outra. As limitações não são um fim em si mesmo, mas parte integrante e complementar rumo à infinita perfeição. Respeitar o momento do outro é contextualizar cada acontecimento numa perspectiva inclusiva, de acolhimento, compreensão, indulgência, benevolência, perdão, enfim, oportunidade de verdadeira caridade (KARDEC, 2007a).

2.2 Aproximando-se da Instabilidade

A base deste pressuposto é ideia da necessidade do caos ou pelo menos de aparente caos, como forma de atingir outro nível de realidade. Concordar com esta premissa implica em modificar o entendimento que se tem sobre a desordem, situações caóticas e desorganização, como sinônimos de algo negativo. A visão contextual e complexa das situações pode auxiliar a compreender um fenômeno desorganizado como sendo uma etapa necessária para empreender mudanças. Convida a lidar com as situações como devir ou processos que, num dado momento, podem se configurar de maneira desordenada, mas que não implica necessariamente em permanência nesta situação. Desse modo, a própria visão

⁵² Ver MATURANA e VARELLA, 1997.

sobre os problemas cotidianos, situações conflituosas, observações desarmônicas, intempéries de qualquer ordem, seja individual, relacional ou institucional, constituem instabilidades importantes para que o organismo perceba sua realidade atual e promova o salto qualitativo para seu aperfeiçoamento.

Este entendimento desassossega o controle, a noção de estabilidade, de segurança e previsibilidade que os indivíduos têm da vida, porque remete àquilo que é imprevisível, mutável e instável. Lidar com algo que não parece cognoscível, ou que atenta contra a maneira de pensar da maioria das pessoas é um grande desafio para o ser humano.

Talvez, acreditar na instabilidade seja o maior exercício de fé que se tem notícia. Justamente porque remete a uma lógica que necessita ser compreendida, que impõe um movimento de mudança no modo de encarar a existência, que evidencia o que dizem os “lábios, mas não o íntimo”. Aprender a atravessar as situações a partir de uma outra lógica, constituída por vias diferentes da racionalidade puramente cognitiva, é a proposta da fé raciocinada descrita em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (KARDEC, 2007a).

Desenvolver essa capacidade de compreensão é modificar o *status quo* em que os homens/espíritos estão inseridos, abrindo espaço para releituras de si mesmo, do outro e do mundo, construindo na esfera íntima a convicção inabalável, capaz de dialogar as racionalidades em todas as épocas da humanidade.

A complexidade ajuda a perceber as várias influências que desencadeiam as situações e a instabilidade auxilia a percebê-las como provisória, como fruto de uma lógica Divina muito mais ampla do que a nossa capacidade compreensão consegue alcançar. Neste sentido, o próprio pensar reencarnatório, a concepção da vida após a morte já inclui a noção de instabilidade, mas, muitas vezes isso é pouco percebido e compreendido.

Cunhar tal pressuposto em nossas mentes e corações é reiterar a condição de espírito reencarnante que habita um mundo compatível com seu nível de amadurecimento espiritual, suscetível de atravessar as instabilidades inerentes a este mundo, na direção maior de constituir-se como ser eterno.

2.3 Aproximando-se da Intersubjetividade

A noção intersubjetiva reitera a impossibilidade do conhecimento objetivo da realidade, ou seja, a realidade será algo sempre constituído por quem a percebe. Neste sentido, este pressuposto é relacional, uma vez que importa saber como a realidade está relacionada com quem a percebe e significa.

Esta visão traduz a ideia de que mais do que conhecer a verdade das coisas, existe a necessidade de um olhar direcionado à configuração ou forma de como sistemas interagem, percebendo as situações num interjogo entre figura e fundo, compondo trajetórias complementares que dão uma noção de realidade diferenciada para todos os indivíduos.

Aproximando esta visão para a realidade espírita, as atenções ficam voltadas para as relações, sejam estas do indivíduo consigo mesmo, com outro, com a casa espírita, com Deus etc. O aspecto relacional é ponto frágil, necessitado de cuidados especiais no Movimento Espírita, uma vez que a “vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades” (Kardec, 2006), esclarecendo que o progresso moral ocorre pela necessidade recíproca dos homens entre si.

Toda a proposta do Cristianismo é uma proposta de relação baseada no Amor. E sendo o amor algo inerente a diversos sistemas, inclusive os sistemas

complexos, é importante considerá-lo a partir de uma perspectiva auto-regulatória⁵³. A ideia de autor-regulação somente pode ser concebida auxiliada pela compreensão da complexidade e da instabilidade, na busca de um aperfeiçoamento em quaisquer circunstâncias.

Ousaríamos dizer que é o amor em movimento, tornando oportuna a experiência do espírito, seja ele encarnado ou desencarnado, em suas complexas e às vezes contraditórias expressões. É esta lei, o maior presente de Deus em nossas vidas, impulsionando o ser rumo ao infinito, que é amor por excelência.

Conclusão

Finalmente, percebida a necessidade de ultrapassar as ideias subjacentes à concepção da ciência tradicional, e considerando que a história tanto do Movimento Espírita quanto da própria Doutrina Espírita são atravessadas por tais concepções, propõe-se uma reflexão crítica para os estudiosos do Espiritismo no sentido de ampliar suas próprias visões de mundo, para alcançar um outro olhar para as mesmas coisas.

Aproximações entre conhecimento científico e os saberes religiosos já são uma realidade. É necessário apenas que aqueles que professam seus conhecimentos religiosos se proponham a dialogar com outros saberes de forma integradora e colaborativa, longe de tradições ortodoxas ou inflexíveis.

O Espiritismo, por seu caráter progressista, consegue dialogar com os conhecimentos produzidos pelo homem em todas as épocas, mas cabe aos espíritas, enquanto Movimento, tornar isso uma realidade a partir da modificação de suas próprias concepções e de seus modos de compreender a Doutrina Espírita.

Urge com isso a necessidade de aproximar-se da compreensão do espírito em sua totalidade, abrindo campo para atender além das demandas dos desencarnados, uma amostra significativa de espíritos encarnados necessitados de amparo, apoio, auxílio e compreensão para com suas limitações e/ou possibilidades.

Com isso, as ideias aqui discorridas procuram evocar discussões e aprofundamentos sobre a visão de mundo presente nas ações espíritas e a necessidade de ampliação do entendimento e compreensão daqueles que professam e atuam no Movimento Espírita, ressaltando que não se está propondo uma mudança doutrinária do Espiritismo, mas sim um novo olhar dos espíritas para aquilo que já está descrito por Kardec, e que é confirmado pelos espíritos nas literaturas, refletindo que as mudanças precisam ocorrer nas pessoas e não nas teorias.

Referências Bibliográficas

ATLAN, Henry. L'intuition du complexe et ses theorisations. In: SOULIÉ, Françoise Fogelman et al. Colloque de Cérisy: *Les Théories de la Complexité*. Autour de l'oeuvre d'Henri Atlan. Paris: Éditions du Seuil, 1991. Colóquio realizado em 1984.

BACHELARD, Gaston. *A Epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁵³ Ver MATURANA e VARELLA, 2001.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DENIS, Léon. *No Invisível*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

FOERSTER, Heinz Von. Notas para uma epistemologia de los objetos vivientes. In: PAKMAN, Marcelo (org.) *Las Semillas de la Cibernética. Obras escogidas de Heinz Von Foerster*. Barcelona: Gedisa, 1991. Conferencia original, 1972.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. ed. comemorativa. trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

_____. *O Céu e o Inferno*. ed. bolso. trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 24ª. ed. bolso. Trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro: FEB, 2007a.

LASZLO, Ervin. *The Systems view of the World. The Natural Philosophy of the New Developments in the Sciences*. New York: George Braziller, 1972.

LÉVY-LEBLOND, Jean Marc. La physique, une science sans complexe?. In: SOULIÉ, Françoise Fogelman et al. *Colloque de Cérisy: Les Théories de la Complexité*. Autour de l'oeuvre d'Henri Atlan. Paris: Éditions Du Seuil, 1991.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas da Compreensão Humana*. São Paulo: Palas Atena, 2001.

_____. *De Máquinas e Seres Vivos - Autopoiese: A Organização do Vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Ed. Sulina: Porto Alegre, 2006.

_____. *O Método 1: a Natureza da Natureza*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PRIGOGINE, ILYA. É o fim da Ciência?. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

_____. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP, 1996a.

STRATHERN, Paul. *Einstein e a Relatividade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Bohr e a Teoria Quântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento Sistêmico. O Novo Paradigma da Ciência*. Editora PUC-MINAS/Papirus: Belo Horizonte, 2003.

_____. *Mudança de Paradigma? Ou o Fim da Ciência?*. Participação na mesa-redonda “A árvore do conhecimento e seus múltiplos frutos”, no XII Congresso Nacional do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos. Belo Horizonte, set/2000.

WATZLAWICK, Paul et al. *La Realidade Inventada: Como Sabemos lo que Creemos Saber?* Buenos Aires: Gedisa, 1990.

WIENER, Norbert. *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1961.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Gianotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1968.